

UNIVERSIDADE  
DO  
PARANÁ

FACULDADE  
DE  
FILOSOFIA

# LETROS

REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS

Diretores: OSVALDO ARNS  
GUILLERMO DE LA CRUZ CORONADO

---

Curitiba - Brasil

— 1964 —

N.º 13

---

## RELENDÔ GRACILIANO MEMORIALISTA

TEMÍSTOCLES LINHARES

Releitura de *Memórias do Cárcere* e de *Infância*, dois livros que se completam e são indispensáveis a qualquer estudo que se queira fazer de Graciliano Ramos e sua personalidade de escritor, e feita, como se diz, de uma assentada, a despeito de todo o mal estar, de todo o acabrunhamento que instila, em matéria de desesperança do mundo e do homem.

Como, na verdade, são poucas as clareiras que se abrem nessa floresta espessa de desgraças, sofrimentos, humilhações e baques inúteis a que constantemente vemos estar se submetendo o pobre coração humano! Nenhuma imagem luminosa que inopinadamente venha a se interpor entre nós e as circunstâncias. Há, é certo, a sedução do estilo, um estilo meio seco, mas cristalino, sem nada de revolucionário, tendendo antes para o equilíbrio clássico. Há também a franqueza do autor, tantas vezes rude, mas que sempre se reconcilia conosco, fundada mais no bom senso, na clarividência, na humildade do que propriamente na sinceridade ou em qualquer desejo sádico de não esconder nada.

De outro lado, porém, naquele duplo fundo de homens que se atritam e gesticulam e de ambientes desolados e tristes, como são efetivamente poucas as oportunidades oferecidas aos viventes, desamparados e largados na tempestade do mundo, contando apenas consigo mesmos, contando tão só

mente com as suas mesquinhezas, insignificâncias, faltas de ternura, só sabendo ser fiéis à própria natureza absurda, uma vez que o senso de dever e de justiça não chega às vezes a lhes ser estranho!

Tempos atrás, falando acerca da obra de Graciliano Ramos, aludíamos à sua nula repercussão ou influência junto dos moços. Não no sentido de lhes traçar diretrizes ou idéias, mas no de agir pela concepção do mundo que ela pudesse propor, pela escolha de um conflito, pela própria experiência do escritor. Essas velhas palavras não foram desmentidas nem parecem sê-lo ainda hoje. Se o escritor deixava transparecer acentuado espírito anticonvencionalista, o seu derrotismo, a sua falta de fé nos valores humanos eram, porém, barreiras que se opunham a qualquer ação ou ensinamento nesse particular. Havia nêle, derramando-se por toda a obra, um pessimismo que beirava a indiferença. Um pessimismo de natureza quietista. Tratava-se antes de um revoltado que renunciava, que só sabia dizer não, impermeável às paixões generosas, insensível ao menor sôpro de resistência humana.

Aliás, Mario de Andrade não escondia a dificuldade que experimentava na leitura da ficção graciliana. A sua monotonia o perturbava. Não por ser obra indigesta e defeituosa, mas pelas suas próprias qualidades. Custava, dizia êle, a gente aguentar aquela angústia miúdinha, de uma cotidianidade intensa, mas exaustiva, aquêle ar irrespirável de insolubilidade que ela apresentava.

Esse juizo pode ser estendido às suas memórias? Talvez êle não seja ajustável cem por cento. Mas a leitura atenta dêstes cinco volumes, feita à margem de qualquer lembrança pessoal do autor, que não chegamos a conhecer, indica mais uma resposta afirmativa do que negativa.

A questão está em compreendermos agora melhor a sua atitude diante da vida. Esta lhe fôra profundamente cruel em quase todos os passos. O seu desencanto, sem exagêro, provinha ou vinha se desenvolvendo desde o bêrço, desde a infância madrasta, sem brilho. Em geral, todos falam amargamente da infância, um dos períodos mais dolorosos da vida. Mas, em Graciliano Ramos, se não se embebera de côres trágicas,

por aversão que êle tinha a tal sentimento, ela tinha sido mesquinha e vil. Essa ideia transparece nítida das páginas mais sugestivas que talvez nos tenha deixado. Nenhuma grandeza de alma junto dos que lhe cercavam a existência de criança. O escritor cresceu e se fez homem entre criaturas pouco simpáticas, nada nobres, destituidas da mais mínima força lírica. O quadro de sua infância não deixava vislumbrar nada que pudesse, através das solidões em que se arrastavam as vidas sem vida dos que o rodeavam, levar a uma tentativa qualquer de solidariedade, já não se falando numa comunhão mais fundamental.

Nenhum ideal palpável podia então guiá-lo, pois. O seu destino estava traçado de antemão. A desgraça, uma desgraça que nem sequer chegara a ser trágica, era o seu clima. Ela parece tê-lo acompanhado em todo o seu curso. Fazendo tremendo esforço para se apegar a um *alibi*, que no seu caso foi o da honestidade de espírito, nem assim a adesão ao seu destino lhe dera oportunidade para que, dentro de sua medida, avultassem no homem os elementos nobres.

Acusado de comunista — acusado sem processo algum de culpa, diga-se logo —, a leitura das *Memórias* parece desmentir a acusação. Se de fato ou por convicção êle o fôra, como querem muitos, o que se evidencia da leitura é que o seu comunismo não podia agradar aos comunistas, que muito pouco haviam de lhe confiar no espírito partidário. Haverá quem queira ver nisso a redenção de Graciliano Ramos. Os anticomunistas, dominados também pelas suas paixões e capacidade de reação, de certo se alegrarão com esta leitura. Com efeito, em relação a seus companheiros e também ao partido, Graciliano não podia servir de exemplo, nem gozar das boas graças dos chefes. A sua autenticidade, o seu antifarisaísmo, o seu horror à demagogia, não o permitiam. Na ação política êle fôra, senão um displicente, pelo menos um apático. Vivera sempre, a despeito de tudo, preso a muitos escrúpulos. Fôra, afinal de contas, um má soldado, já que qualquer posição de saliência sempre lhe repugnara.

Mas cresce por isso diante de nós a figura humana de Graciliano?

Não é fácil responder, pois evidentemente, do ponto de

vista de sua razão de ser das coisas, vamos admitir, da utopia que parece tê-lo guiado em sua condição de “internacionalista”, como ele gostava de se definir, é claro que não. Contudo, se ele pensasse, como parece que pensava, ser tudo o mais que não fosse semelhante utopia pior do que isso, o problema muda um pouco de aspecto.

Seja como fôr, porém, o que se impõe como certo é o fato de Graciliano ter passado grande parte de sua vida na procura dessa idéia principal ou da verdade condicionada por ela.

Há nas páginas das *Memórias* muitas passagens ilustrativas do debate interior em que ele, solitário e lúcido, devia viver mergulhado. A amostra de comunismo brasileiro, a tentativa aqui levada a efeito, devia tê-lo decepcionado. Ou pelo menos não o devia ter impressionado. As mínimas coisas o acusavam, a começar daquele “Hino do Brasileiro Pobre”, com que lhe atordoavam os ouvidos no Pavilhão dos Primários, mexendo-lhe os nervos. Frustração física e moral, ausência de energia e de cabeças dirigentes, eis em que acabou se confinando o movimento em Natal. Mas ainda assim Graciliano contemplava o seu fracasso sem lamentações, de resto, inexistentes durante o longo espaço de tempo em que esteve preso, jogado de um lugar para outro, mas antes uma satisfação comodista com o seu novo estado. É que a consciência de suas próprias desgraças não o deixava nunca e o recurso era recebê-las sem teatralidade, como normais, como naturais. O que lhe repugnava era ver estampado nos outros um traço de piedade. Piedade superficial, como ele dizia, pois o seu senso de equilíbrio, o seu temperamento antitrágico por excelência, embora não possuisse também nada de pícaro ou de libertino, não concebia qualquer espécie de sentimento profundo. Eram poucos os momentos em que ele parecia se comover ou pelo menos se situar numa postura emotiva de admiração e respeito. Diante de um Sobral Pinto, por exemplo. De um Pe. José Leite. Já diante de um Lins do Rego, que tanto procurava fazer em seu favor, não se dava isso. A intimidade das relações de amizade entre ambos permitia antes que ele desse vasão mais à irritação do que à gratidão. Quanto ao editor José Olympio, que não o conhecia e teimava em editar um livro seu na ocasião, esse não passava de um louco! Nesse ponto

era êle bem sincero, bem autêntico. Os gestos intempestivos de publicano lhe eram mais normais. O feitio agreste do sertanejo vinha logo à tona para acanalhar todo sentimento de piedade, para êle sempre fácil e imaginoso. Como achava ridículo alguém se vangloriar das violências que sofrera! Para êle, não ia além de um profissional da bazófia.

Vida trágica então a sua? De certo que êle absolutamente não lhe daria êsse nome. O antitrágico, o antiespetacular, como dizíamos, assentavam em seu espírito, em contraposição com a dureza e a secura em que lhe transcorreram os dias. O pessimismo amargo tinha fatalmente de transbordar e inundar tudo. Daí a solidão, o quietismo fakírico em que se comprazia.

Resta ainda o escritor em si. Se lhe perguntassem como escrevia, êle certamente não teria dificuldade em responder que o fazia sem violência, com prudente lentidão e subtil clareza. Escrevia antes como vivia, obedecendo, não à inspiração, mas a um hábito nele tornado legítimo e imperioso, se bem que fôsse o primeiro a não dar nenhuma importância aos seus escritos.

Em última análise, se em sua obra vista em conjunto não vamos encontrar nenhuma tentativa séria de revolta contra os deuses, se, a rigor, não vamos encontrar nela nenhuma afirmação de vida ou de ação a ser meditada, vamos nos defrontar pelo menos com uma afirmação de beleza e dignidade estética. Se êle não nos propôs nenhuma salvação do mundo, propôs-nos ao menos uma salvação: a da literatura, em sua concepção clássica.